

*Vilas operárias no Rio Grande do Sul: uma breve reflexão sobre o Bairro da Balsa em Pelotas, Bairro São Cristóvão em Passo Fundo e Galópolis em Caxias do Sul*<sup>1\*</sup>

NEUZA REGINA JANKE<sup>1</sup>  
Prefeitura Municipal de Porto Alegre

**Resumo:** Este artigo tem como objeto as vilas operárias no Rio Grande do Sul, baseando-se na comparação entre três casos: o Bairro da Balsa, em Pelotas, associado ao Frigorífico Anglo, pertencente a capitalistas ingleses, tema da dissertação de mestrado da autora, e outras duas vilas operárias, localizadas nas cidades de Caxias do Sul e Passo Fundo, compreendendo o período de 1940 a 1970. Analisamos as razões da construção das vilas pelos empreendedores, nos casos de Passo Fundo e Caxias do Sul, e os motivos pelos quais os empreendedores ingleses não seguiram a mesma prática.

**Palavras-chave:** Industrialização; Vilas Operárias; Trabalhador.

**Abstract:** This paper goes on the workers' quarter in Rio Grande do Sul state, based on the comparison among three cases: the *Bairro da Balsa* (Quarter of the Ferry-Boat), in Pelotas city, associated with the *Frigorífico Anglo*, an industrial plant of cold storage of meat belonging to English capitalists, that was the central theme of the masters dissertation of the author of the present article, and two other workers' quarters, placed in the cities of Caxias do Sul and Passo Fundo, comprehending the period between 1940 and 1970. We analyze the reasons why the industrials did build the workers quarters in Passo Fundo and Caxias do Sul, and why the English industrials of Pelotas city's *Frigorífico Anglo* didn't.

**Keywords:** Industrialization; Workers' Quarters; Workers.

---

<sup>1\*</sup> Artigo submetido à avaliação em agosto de 2009 e aprovado para publicação em setembro de 2009.

## **Reflexões teóricas: industrialização e habitação**

O Bairro da Balsa, em Pelotas, associado em seu desenvolvimento às atividades do Frigorífico Anglo, foi objeto da dissertação de mestrado intitulada “Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário? (O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970)”, (Janke, 1999). Este estudo levou a autora deste artigo a se interessar por aprofundar a compreensão sobre o processo de constituição de vilas operárias no Rio Grande do Sul, no contexto da industrialização em curso na primeira metade do século XX.

Este texto, portanto, pretende realizar um diálogo entre o estudo que realizei sobre o Frigorífico *Anglo* e o Bairro da Balsa, em Pelotas, e outros dois trabalhos relativos a vilas operárias no Rio Grande do Sul, no século XX, nas cidades de Caxias do Sul e Passo Fundo. Sem ignorar outras pesquisas sobre vilas operárias no Rio Grande do Sul, <sup>2</sup> optamos por este diálogo entre estes três trabalhos, devido às suas diferenças em termos de localização, distribuídos em regiões distintas do Estado, e pela sua convergência cronológica.

## **Reflexões teóricas: industrialização e habitação operária**

Para que se possa realizar este diálogo, precisamos relacionar o processo de industrialização no Brasil e a construção de vilas operárias. No início do século XX, quando a industrialização brasileira toma impulso, havia uma deficiência de mão-de-obra especializada para o trabalho industrial, o que levou os empresários a construir vilas operárias próximas aos complexos industriais, para alojarem de forma estável seus operários.

A história da habitação popular no Brasil tem sido discutida a partir de diferentes pressupostos teóricos, entre os quais se mencionam os seguintes:

1º) a formação de bairros operários ocorre a partir da decisão dos grupos de industriais, que dominam áreas próximas às suas indústrias e têm interesses em manter a força de trabalho disciplinada e sob seu poder;

2º) o processo de transformação tecnológica do capitalismo e sua evolução influem na decisão dos industriais sobre a construção ou não de vilas operárias;

3º) os grandes industriais possuem uma visão filantrópica, o que os leva a construir moradias para seus operários e proporcionar-lhes, assim, uma vida mais digna.

A idéia de imobilização da força de trabalho através da moradia está muito presente em autores como Jose Sérgio Leite Lopes,<sup>3</sup> que desenvolve estudos nas usinas de açúcar em Pernambuco e no complexo fabril de Paulista, no mesmo estado. O autor demonstra que se faz presente, na organização das grandes indústrias, o planejamento de vilas operárias, sendo que a imobilização das famílias operárias ocorre pela necessidade que elas têm de morar próximo ao local de trabalho. O estudo de Lopes demonstra que a mão-de-obra, tanto das usinas como do complexo fabril, não está disponível num primeiro momento: inicialmente os trabalhadores provêm, em grande número, da zona rural e necessitam das moradias operárias para permanecerem no trabalho e junto de suas famílias.

Na mesma linha de análise de Lopes, destaca-se o livro de Margareth Rago. No capítulo *A Desodorização do Espaço Urbano*, traz a idéia de que a habitação popular está ligada à necessidade de se disciplinar o proletariado, e, nesse sentido, para a burguesia industrial e os higienistas, a moradia operária deve:

[...] reorganizar a fina rede das relações cotidianas que se estabelecem no bairro, instaurar uma nova gestão da vida do trabalhador pobre e controlar a totalidade de seus atos na vila, na casa e, dentro desta, em cada compartimento (Rago, 1985, p. 163).

Justificando a necessidade das vilas operárias a partir da vontade dos patrões, a autora escreve que: “A vila deve instaurar um espaço de conforto, satisfação e moralidade de onde o trabalhador não precisa sair nem mesmo para divertir-se”. (RAGO, 1985, p. 178)

Na perspectiva de uma análise econômica, tem-se o artigo de Sheila Villanova Borba, *Notas sobre o Papel da Indústria na Estruturação das Áreas Urbanas*. A autora, enfocando o processo de transformação da indústria, aponta que,

no início (década de 1920), o processo de industrialização brasileira era regulado pelo modelo de desenvolvimento denominado *fordista*. A partir dos anos 1970, a crise instalada gerou uma grande instabilidade econômica, que exigiu a reorganização desse modelo. Apesar das controvérsias geradas em torno das denominações atribuídas a esse período, a autora classifica-o como *pós-fordismo*.

Segundo a análise de Borba, no primeiro estágio de transformação da indústria, durante o qual se verificava a acumulação capitalista extensiva, era aceitável um operário pouco qualificado, o que levou grandes indústrias a construir vilas operárias, dispondo assim de mão-de-obra mais barata e submissa. Por volta dos anos 1930, a indústria brasileira começou a incorporar alta tecnologia, o que exigia trabalhadores mais qualificados. Já não se construía mais para os operários, mas para os trabalhadores qualificados. Segundo esta autora, são questões econômicas relacionadas ao processo de transformação tecnológica que determinam a construção ou não das vilas operárias.

Um estudo sociológico de grande relevância encontra-se na obra de Eva Altermam Blay, *Eu Não Tenho Onde Morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*, na qual a autora define a construção da moradia operária como uma forma capitalista de se diminuir salário, aumentando-se assim o lucro. Nessa visão, as vilas operárias surgiram a partir da necessidade do desenvolvimento capitalista, no período denominado *fordista*, quando se exigia mais mão-de-obra, não necessariamente qualificada. Blay acompanha o raciocínio de Borba, segundo o qual os industriais constroem vilas operárias no primeiro estágio do desenvolvimento industrial brasileiro, todavia, amplia seu objeto de estudo, ao trabalhar com depoimentos orais e reconstruir a história das vilas operárias em São Paulo, sob a ótica dos trabalhadores.

Existe ainda uma teoria que qualifica a prática de os empresários construir vilas operárias como fruto de uma visão filantrópica. Salienta-se, nesse sentido, o pensamento de Jorge Street, um industrialista que procurou se caracterizar como homem comprometido com os problemas nacionais de sua época, dentre eles, a defesa da indústria brasileira. Jorge Street era brasileiro de segunda geração, descendente de avô britânico, formado

em Medicina, e tornou-se um grande empresário brasileiro, que marcou a história da indústria no país, ainda no final do século dezenove. Pertencia ao grupo de industriais que defendiam que o desenvolvimento do Brasil deveria se dar através da indústria, por meio de incentivos governamentais e protecionismo. Além da liderança em defesa da indústria, Street conquistou o título de *Bom Patrão*, devido à preocupação com os seus operários. O autor não se incomodava em ser denominado de paternalista, pois, segundo suas palavras:

[...] conhecendo a mentalidade e cultura do nosso operariado, eu entendia que deveríamos, até melhores tempos, passar por um período intermediário, em que nós patrões, servíssemos ainda de conselheiros e guias, sem que a meu ver isso constituísse uma tutoria pesada ou inconveniente aos nossos auxiliares de trabalho (Street, 1980, p.75).

A denominação de paternalista concedida a Jorge Street deveu-se, em muito, à construção de vilas operárias. Em 1912, em Belém, São Paulo, o empresário fundou a Vila Maria Zélia, um grande complexo fabril que comportava a fábrica, rodeada pela vila, com casas para os operários, cooperativa, grupo escolar, creche, berçário, ambulatórios médico e dentário, biblioteca, clubes recreativo e cultural, campo de esportes e outros serviços assistenciais.

Um trabalho que serve tanto para a análise sobre a *visão filantrópica dos empresários brasileiros*, como para a da construção de moradias para se *manter sob disciplina o operariado* é a dissertação de Mestrado de Gracilda Alves de Azevedo Silva, intitulada “*Bangu: A fábrica e o bairro. Um Estado Histórico (1889-1930)*”. No segundo volume da obra, a autora transcreveu os estatutos da Companhia Progresso Industrial do Brasil, em que se lê, a respeito dos fins da empresa, no 2º artigo, parágrafo 2º, que previa: “Edificar, em terrenos seus, apropriadas e higiênicas habitações para serem alugadas a operários em serviço da Companhia.”. Estatutos de Fundação da Companhia (Silva, 1985, p. 303).

## As vilas operárias de Pelotas, Caxias do Sul e Passo Fundo

Serão estudados os processos de formação das vilas operárias que originaram o Bairro da Balsa, em Pelotas, Bairro São Cristovão, em Passo Fundo, e Galópolis, em Caxias do Sul, analisando os fatores que levaram ao seu desenvolvimento, em relação com a instalação e história das indústrias às quais estão associados.

### Pelotas – Bairro da Balsa e o Frigorífico Anglo

No trabalho sobre o Frigorífico Anglo – Pelotas, pesquisamos as relações entre o desenvolvimento da indústria frigorífica e a formação do Bairro da Balsa, procurando entender se a indústria teria contribuído na construção do bairro operário que se localiza em frente do antigo frigorífico. Esta contribuição foi de certa forma involuntária, conforme nossa pesquisa:

A ocupação do espaço urbano no Bairro da Balsa ocorreu espontaneamente, entre os anos de 1950-60, por iniciativa de um expressivo número de trabalhadores do Frigorífico *Anglo*. Devido à necessidade de eles morarem perto da fábrica e porque muitos deles se deslocavam de outras cidades ou zona rural para a cidade de Pelotas, aonde chegavam empobrecidos e sem condições de adquirir um local para morar em áreas saneadas (Janke, 1999, p.144).

Os resultados desta pesquisa nos permitiram afirmar que, no caso de Pelotas, a ocupação do Bairro da Balsa foi *espontânea*. A instalação do Frigorífico *Anglo* não teria intervindo diretamente na organização e formação daquele espaço, uma vez que a indústria sequer havia planejado o bairro como local de moradia para seus trabalhadores.

Isso transparece na própria organização urbana da área de posseiros, que foi ocupada e tornada habitável pelos próprios trabalhadores. Ainda hoje,

o bairro apresenta ruas, passeios e praças completamente *desorganizados* em relação ao formato da cidade, que foi planejada<sup>4</sup> com ruas horizontais, cortadas pelas verticais, formando um *quadrado*.

A relação de descaso da grande indústria – o *Frigorífico Anglo* – com a formação do Bairro da Balsa também pode ser analisada a partir das etapas de desenvolvimento do processo capitalista. Como o *Frigorífico Anglo* de Pelotas instalou-se, definitivamente, em 1943, ele vivenciou a transição do modelo *fordista* para o *pós-fordista*, em que não se defendia a construção de moradias para os trabalhadores, como forma de cooptá-los ou coagi-los a um trabalho metódico e controlado pelo capital.

Em Pelotas, o *Anglo* construiu apenas quatro ou seis casas, para abrigar operários qualificados, que vieram de outras localidades para trabalhar no Frigorífico. Não há elementos suficientes para se saber exatamente quantas casas foram edificadas para esse fim, até porque elas já foram destruídas, restando apenas alguns traços dos alicerces. O Sr. Reni Oliveira de Brito relatou que havia uma casa onde morava o gerente de compras do gado, localizada na frente do Frigorífico, próxima ao corredor por onde entravam os bois. De acordo com os entrevistados, havia mais três ou quatro casas, localizadas no pátio, onde moravam os mecânicos das máquinas, alguns estrangeiros, outros vindos da cidade de Barretos, São Paulo, como foi o caso do Sr. Moreira, que criou todos os filhos, morando lá. O Sr. Jacó Moreira, filho desse mecânico, relatou em entrevista à autora:

Meu pai, seu Moreira, era chefe da mecânica na oficina. Ele veio para cá desde Barretos, São Paulo. Em 1941, nós chegamos aqui. Morávamos nas três casas amarelas que tinha lá dentro. Seu Romano, Seu Arnaldo e nós. A única coisa que eles tinham eram as três casas, que eram deles. Depois, desmancharam tudo, quando o pessoal foi saindo. Papai se aposentou, em seguida morreu. Seu Romano também morreu. Eles desmancharam as casas.

Acrescenta-se outro fator relevante no caso específico de Pelotas, que é a existência de uma mão-de-obra oriunda das charqueadas, portanto, com

experiência em abate, e que morava na periferia da cidade.<sup>5</sup> Ao relatar o funcionamento do *Frigorífico Anglo* em Pelotas, o Sr. Cunningham ressaltou a eficiência de trabalho da empresa e fez referências ao motivo pelo qual não havia sido preciso construir *colônias* para os trabalhadores:

Aqui em Pelotas, não precisava fazer colônias. *Em Pelotas, eles não fizeram colônias*, não precisou, porque aqui já tinha a mão-de-obra. Não precisava buscar em outros lugares. E não vamos esquecer que Pelotas tinha uma tradição de carne.

Interessante perceber a diferença de pensamento e de projeto dos ingleses do *Anglo* em Pelotas com o também descendente de inglês Jorge Street que construiu a Vila Maria Zélia<sup>6</sup> em São Paulo. Para Jorge Street o assistencialismo dirigido aos seus operários fazia parte da idéia, onde o patrão e governo deveriam investir e cuidar dos trabalhadores, por isso foi considerado um industrialista paternalista. Enquanto os ingleses em Pelotas se consideravam justos porque *pagavam todos os direitos* e isso na visão dos mesmos já era mais que suficiente, Jorge Street ultrapassava os limites dos direitos. É importante ressaltar que embora os dois padrões sejam de origem inglesa, (Jorge Street era brasileiro e descendente de avós inglês), estas diferenças também podem estar associadas ao tempo que as empresas funcionaram no Brasil. Em São Paulo a vila Maria Zélia foi construída no início do século XX, em 1912, enquanto que em Pelotas o Frigorífico *Anglo* começa a funcionar em 1942.

Perguntado sobre como era a área próxima ao Frigorífico e como se formara o Bairro da Balsa, o Sr. Cunningham, contou que:

Quando vim para cá, em 1960, ali na Balsa, não tinha nada. Terminava a cidade e começava o Frigorífico. E aquele pessoal que foi morar lá na Balsa, perto do Frigorífico, foi por causa da conveniência de estar pertinho da fábrica. O Frigorífico, normalmente, trabalha dezoito horas por dia. Na verdade, trabalhava vinte e



quatro horas por dia, mas forte mesmo trabalhava umas dezoito horas por dia. O fato de alguns deles morarem nas Três Vendas e no Areal não dificultava o funcionamento do Frigorífico, atrapalhava para eles. Mas tinha gente suficiente ali na volta. Na volta, todo mundo trabalhava no Frigorífico. Na Balsa, na faixa, como chamavam a rua Tiradentes.<sup>7</sup>

Nessa perspectiva de análise, pode-se inferir que a questão do período histórico de instalação do *Frigorífico Anglo* em Pelotas, bem como a mão-de-obra abundante na cidade, foi decisiva para a não-construção de moradias para os trabalhadores.

*Passo Fundo – Bairro São Cristovão e Frigorífico Z. D. Costi Cia. Ltda –*

Diferentemente da cidade de Pelotas, vamos encontrar vilas operárias construídas pelos empresários em Passo Fundo e em Caxias do Sul. Em Passo Fundo, a vila formou-se junto a outra indústria de carne frigorificada, de propriedade da família Z. D. Costi. Conforme nos relatam Costi e Ribeiro:

No final da década de 40, Zeferino Demétrio Costi desligou-se do frigorífico Costi S.A. Indústria e Comércio, fundado por seu pai e irmãos na Barra do Jacaré, no município de Encantado. Iniciava seu caminho de empreendedor. Viajou à procura de um local que pudesse adquirir com seus recursos. Era o ano de 1946. Em Passo Fundo, encontrou uma área que não possuía nem infra-estrutura, nem incentivo algum por parte dos órgãos públicos para que ali se instalasse. O empresário tomara conhecimento do potencial da área: havia matéria-prima e estradas. A mão-de-obra, ele mesmo iria buscar (Costi e Ribeiro, 2003, p. 1).

Este frigorífico, o primeiro em Passo Fundo, foi construído em um espaço considerado pelas autoras como “vazio urbano”, inaugurado em novembro de 1948, apenas seis anos depois do Frigorífico Anglo de Pelotas.

Ao contrário de Pelotas, a mão-de-obra naquele período era inexistente em Passo Fundo, o que obrigou de certa forma o dono do frigorífico a construir casas para seus operários poderem trabalhar no curtume e no frigorífico. Conforme Costi e Ribeiro:

Nos finais de semana, o empresário e sua esposa, de carro, percorriam as redondezas à procura de operários. Muitos dos mais dedicados vieram meninos da colônia e aprenderam o ofício dentro da empresa, outros eram contratados ou porque eram técnicos ou porque se dispunham a aprender. Mas era necessário fixá-los devido à escassez de mão-de-obra e, também, porque não havia transporte. A vila operária surgiu desta necessidade e sua implantação, tal como o modelo paulista do início do século XX em São Paulo, repetiu o italiano: habitações fabris próximas à indústria (Costi e Ribeiro, 2003, p. 1).

Percebemos que, em Passo Fundo, o Bairro São Cristóvão teve gênese diferente do Bairro da Balsa em Pelotas, o que marcou a história dos operários do Frigorífico Costi de uma forma muito diferente da dos operários do Frigorífico *Anglo*. Os moradores de São Cristóvão tiveram suas casas construídas e organizadas com um mínimo de infra-estrutura básica e, principalmente, planejamento, não do poder público, mas do empresário que necessitava arregimentar esta mão-de-obra.

### **Caxias do Sul - Vila Galópolis e a indústria têxtil Sociedade Chaves Irmãos**

A história dos moradores do bairro São Cristóvão tem uma relação muito próxima da história de outro bairro, localizado no município de Caxias do Sul-RS, a Vila Galópolis. A região era habitada por colonos de origem italiana, descendentes dos imigrantes chegados em 1876, quando aquela área era conhecida como *Desvio do Morro*. Foram alguns desses moradores que construíram em um galpão a indústria têxtil, que no início funcionava

em sistema de cooperativa, conforme nos relata Heredia:

A formação do povoado inicia-se com a chegada dos colonos imigrantes italianos. Porém, a vila operária começa a ser construída a partir de 1912, quando a antiga cooperativa se funde com a Casa Comercial Chaves & Almeida. [...] As primeiras casas da vila operária foram construídas para abrigar a força de trabalho estrangeira contratada pela fábrica, a fim de mover os novos teares mecânicos comprados na Europa. Com a formação da Sociedade Chaves Irmãos, os novos proprietários decidiram implantar um plano habitacional que garantisse a fixação da força de trabalho em torno da fábrica. Era um momento em que as empresas industriais se preocupavam com a manutenção da força de trabalho, principalmente porque não era fácil encontrar bons tecelões e tintureiros, ou seja, força de trabalho especializada. Por isso, a criação de uma vila operária solucionava esse problema à medida que garantia a fixação e imobilização da mão-de-obra especializada (Heredia, 2003, p. 2).

Segunda a autora, a vila operária construída pelo industrial italiano teve uma infra-estrutura que permitiu, aos moradores, certa qualidade de vida, e, ao empresário, o controle de suas vidas nos âmbitos laborial, social, educativo e formativo. Criou vínculos com os patrões, os quais levaram ao mascaramento dos conflitos de classe, fazendo com que estes trabalhadores se sentissem por vezes parte da fábrica, o que os impedia de perceber e modificar as relações de exploração pelo seu trabalho. Por outro lado, permitiu uma vivência em que os trabalhadores/moradores de Galópolis tinham segurança para si e seus familiares, tanto de moradia quanto de trabalho. Conforme a autora:

A vila operária de Galópolis cresceu junto e a partir da fábrica. O isolamento acentuava a dependência entre o domínio do trabalho e o domínio da moradia. O fato de o patrão oferecer moradia garantia, portanto, o trabalho.

A grande maioria dos operários do lanifício era oriunda da própria vila, e se sentia a influência direta da fábrica na vida dos operários. Houve sempre uma forte interferência da fábrica na vida de seus operários (Heredia, 2003, p. 2).

Segundo este raciocínio a autora coloca sobre o paternalismo dos patrões com relação aos seus trabalhadores e as contradições existentes nestas relações quando se trata de classes sociais distintas e ainda grupo de operários em escalas mais próximas dos patrões, que faziam a intermediação entre os trabalhadores e donos das fábricas e vilas.

Nos primeiros tempos da fábrica, o operariado era movido por relações pessoais caracterizadas pelo paternalismo dos proprietários em relação aos seus empregados. Pode-se dizer que as relações pessoais existentes entre o gerente e os empregados eram relações de trabalho, marcadas pelas mais ambíguas e contraditórias relações de subordinação, obediência, temor, lealdade, amizade e paternidade. Somente em poucos casos encontram-se relações baseadas em traços de identidade profissional (Heredia, 2003, p. 2).

Os depoimentos dos antigos operários citados no trabalho de Heredia mostram que a fábrica criou uma série de espaços sociais em que o operário supria praticamente todas as suas necessidades dentro dos limites da vila.

Segundo uma série de depoimentos dos antigos operários e membros dessas famílias, a fábrica havia criado uma série de espaços. Em consequência, desencadeava um processo de isolamento que, por si só, não permitia a comparação com outros estilos de vida, conquistas e lutas sociais. Por outro lado, produzia uma identidade de grupo que por muitas décadas foi o elo dos habitantes de Galópolis. A recordação do período de trabalho na fábrica era expressa com uma certa satisfação e com o

orgulho de ter sido operário do lanifício, mesmo aceitando problemas que, em geral, envolviam a classe operária (Heredia, 2003, p. 2).

Porém podemos perceber que, por mais que *estes espaços sociais e disciplinadores* mascarem os conflitos de classes, certamente eles existiam, mesmo que não fossem relacionados diretamente ao processo fabril ao qual estes trabalhadores pertenciam, pois de todos os trabalhadores entrevistados por Heredia, apenas um demonstrou algum descontentamento, sem muita relação com o processo da fábrica e sim com o processo nacional de industrialização.

É interessante salientar que, nos depoimentos dos antigos operários de Galópolis, assim como os do Bairro da Balsa e do Bairro São Cristóvão sempre demonstram uma certa nostalgia daqueles tempos que aparece nas suas falas com muita clareza. Para os mais antigos, os bons tempos representavam as condições favoráveis encontradas na zona colonial italiana de Caxias, sem jamais esquecer a real situação da zona de origem abandonada onde faltava o pão diário e não existiam possibilidade de trabalho.

Percebemos que a vila fez parte de um universo onde as relações patronais e as de trabalhadores foram perpassadas por sentimentos de troca. Mesmo que esta troca possa ter sido desvantajosa aos operários, pois os baixos salários os mantinham sempre na dependência, por outro lado, as casas para moradia e o atendimento de suas necessidades, como educação, lazer e saúde, lhes davam um sentimento de segurança e gratidão para com os empresários.

### **Continuidades e diferenças: um diálogo entre as três vilas**

Como vimos, neste texto, são três histórias que levam a pensar nos motivos que as fizeram diferentes em alguns aspectos e tão iguais em outros. Ficou claro que, de um lado, o Bairro da Balsa, em Pelotas, não foi construído pelos empresários ingleses. De outro lado, o Bairro São Cristóvão, em Passo Fundo, e a Vila Galópolis, em Caxias do Sul, resultaram de uma política empresarial determinada. Esta política tinha como norte a necessidade de imobilizar uma grande força de trabalho, tendo como estratégia uma

prática muito utilizada no Brasil, no início do século XX: a construção de vilas operárias pelos próprios donos das fábricas.

Mas que motivos levaram a estas diferenças? Pela análise realizada observa-se que entre os três modelos teóricos já apresentados, em dois deles, as vilas operárias estudadas não se enquadram. Nem na visão econômica que defende o processo de industrialização fordista como um motivo para a construção de vilas operárias, já que tanto o Bairro da Balsa, como o São Cristovão foram construídos no período conhecido como *pós-fordista*, após a década de 1930. Também não se enquadram na visão sociológica de paternalismo dos industriais, já que, no caso de Galópolis e São Cristovão, fica muito clara a decisão de construir casas para os moradores ficarem próximos da fábrica. No caso de Galópolis, as primeiras casas foram construídas para os trabalhadores especializados vindos da Europa, para manipular as máquinas recém compradas.

Podemos observar que as vilas operárias de Galópolis e São Cristovão foram construídas em épocas diferentes, respectivamente, em 1912 e 1947. Isto, porém, em nossa análise, não demonstrou ser um fator decisivo, pois seguiram o mesmo modelo, mesmo distanciadas em 35 anos, muito embora o Brasil tenha passado, durante este período, sobretudo a partir da década de 1930, por uma mudança de organização empresarial e por um forte processo de industrialização. Esta nova forma de organização industrial foi o que nos levou a pensar que o Bairro da Balsa em Pelotas não fora construído pelos ingleses, porque já não havia mais esta prática entre os empresários. Porém, o Bairro São Cristovão vem nos mostrar que este motivo não foi o fundamental, já que a construção da vila operária em Passo Fundo foi contemporânea à construção do Bairro da Balsa em Pelotas.

A forma industrial que foi implantada em cada cidade pode ter influenciado a construção das vilas. Há que se considerar os particularismos locais e regionais. Em Pelotas (1942), os ingleses implantaram uma grande multinacional com capital e gerência estrangeira. Em Passo Fundo e Caxias do Sul, por sua vez, os empresários eram descendentes de imigrantes italianos. Em Caxias, o processo fabril iniciou em forma de cooperativa, somente depois à fábrica, passando a ser denominada *Sociedade Chaves Irmãos* (1912), quando iniciaram a construção das primeiras casas da vila operária para abrigar a mão-de-obra especializada. Em Passo Fundo, um filho de imigrante italiano chegado na região constrói um complexo frigorífico (1946), e arremonta

mão-de-obra, tendo que se preocupar com a sua permanência próxima a fábrica. Portanto, a estrutura industrial pode ter sido de fundamental importância para a construção ou não das vilas operárias.

Consideramos que o fator que predominou na decisão da construção ou não de vilas operárias nos três estudos de caso foi a questão da mão-de-obra. Em Pelotas, ela era abundante, oriunda das charqueadas, portanto, especializada para trabalhar no frigorífico. Em virtude disso, os ingleses não necessitaram proceder à construção da vila operária. Os trabalhadores do frigorífico optaram por construir suas casas e formaram o Bairro da Balsa, dentro de suas condições. De certa forma, foi em decorrência disso que, após o fechamento definitivo da empresa na década de 1990, os moradores do Bairro da Balsa permaneceram com suas moradias, podendo ter pelo menos a segurança de onde morar.

Em Passo Fundo, o empresário Zeferino Demétrio Costi, para poder fazer funcionar seu empreendimento frigorífico, teve de sair, juntamente com sua esposa, pela redondeza, em busca de mão-de-obra. Deste modo, foi necessária a construção da vila para poder fixar, próximo ao frigorífico, este contingente de trabalhadores, já que nem transporte havia para a locomoção destes, provindos de áreas distantes. Ao contrário dos moradores do Bairro da Balsa, após o fechamento desta empresa, os moradores do Bairro São Cristovão ficaram sem o emprego e a maioria sem suas moradias. A vila, que pertenceu à empresa até sua falência, atualmente pertence à massa falida. Algumas casas continuam habitadas, por funcionários da antiga empresa, o que ainda as mantém em situação de conservação.

No caso de Galópolis, em Caxias do Sul, o fator predominante para a construção da vila operária foi também a necessidade de fixar a mão-de-obra próxima ao empreendimento fabril. As primeiras casas foram fabricadas para os artesãos especializados vindo da Europa, para manejarem as máquinas importadas. Conforme Heredia, todas as casas da vila eram propriedade exclusiva da fábrica:

[...] a fábrica possuía 80 casas e atingiu o número máximo de 116. Os moradores pagavam um aluguel simbólico, variável, conforme a área construída da casa e o cargo

na fábrica. As despesas de água e luz eram controladas pela fábrica. [...] As casas eram preferentemente alugadas, e, somente em 1974, é que houve a possibilidade de compra e venda de algumas dessas casas. Por muito tempo, não se falou em comprar as casas da fábrica. A própria casa do gerente era de propriedade da fábrica. A casa era oferecida pela empresa dependendo da situação ocupacional do operário no processo fabril. Representava um elemento de interiorização do operário frente ao patrão, da dominação que se submetia. A uniformização das casas, o controle direto da fábrica, sobre o conjunto das condições materiais de sua vida social extra-fábrica, como água, luz, auxílio material, remédios, médicos, eram elementos componentes dessa interiorização (Herédia, 2003, p. 3).

Constatamos, por este relato, que as casas foram vendidas quase cinquenta anos após a sua construção. Segundo Herédia, o lanifício São Pedro, depois de cem anos de várias mudanças, voltou ao seu início, com a administração nas mãos dos antigos operários, sob forma de cooperativa, *A Cooperativa Têxtil Galópolis Ltda*, a Cootegal.

Dessa forma, percebemos que, nos três casos estudados, o motivo que levou os empresários à tomada de decisão sobre a construção de vilas operárias foi a carência ou abundância de mão-de-obra no local onde se instalaram. Isso confirma a teoria de Lopes, de que a formação de bairros operários ocorre a partir da decisão dos grupos de industriais que dominam áreas próximas à suas indústrias e têm interesses em manter a força de trabalho disciplinada e imobilizada sob o seu olhar.<sup>8</sup>

### **Vilas operárias – Patrimônio e memória coletiva de trabalhadores – como preservar?**

No Brasil, a construção de vilas operárias foi uma prática usada pelos industriais para a imobilização da força de trabalho. No Rio Grande do Sul,



como vimos nestes casos, também foi a necessidade de imobilização desta força que levou os empresários a construírem as vilas operárias em Passo Fundo e Caxias do Sul. No entanto, as empresas não existem mais e as vilas na sua grande maioria estão semi-destruídas ou sendo administradas pela massa falida das fábricas. Muitas foram tomadas por habitantes que não tinham onde morar, outras, como em Caxias do Sul, foram vendidas para os próprios operários. Em Pelotas, o bairro da Balsa ainda luta pelas suas necessidades básicas como infra-estrutura de esgoto e ruas asfaltadas. Considerando a forma como este bairro se constituiu, dificilmente estes problemas poderão ser resolvidos em função da desorganização espacial e desnível territorial que existe no bairro, ocupado sem qualquer planejamento.

Independentemente de quem os construiu, são bairros operários que conservam a memória e a história de uma classe trabalhadora que necessita ser lembrada. Uma das formas de preservação são as pesquisas acadêmicas resgatando estas histórias, através da memória dos trabalhadores/moradores destes bairros. Também já temos alguns exemplos de tombamento de vilas operárias, como em São Paulo, na Vila Maria Zélia. No entanto, o tombamento por si só não resolveu o problema da preservação, pois a vila passa ainda por um processo de destruição implacável que não deixará marcas para a história.

A preservação da memória da habitação popular no Brasil, que tem origem na construção das vilas operárias na primeira metade do século XX e no processo de industrialização brasileira, com a chegada dos imigrantes em São Paulo e Rio Grande do Sul, precisa ser agenciada. Em Pelotas, conforme apontamos na dissertação de mestrado, temos alguns exemplos de vilas operárias construídas por industriais. A Vila Lange, que resultou no atual município de Turuçu, criado em 1995, e as vilas construídas por pecuaristas da família Fetter, que já estão sendo objeto de nossos estudos.

## Referências

### Entrevistas

As entrevistas utilizadas neste artigo foram extraídas de Janke (1999):

Jacó Moreira (Fevereiro de 1998)

Vildeman Garcez (Fevereiro de 1998)

Oliver Murray Cunningham (Junho de 1998)

Reni Oliveira Brito (Fevereiro de 1999)

### Obras de apoio

BLAY, Eva Alternam. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.

BORBA, Sheila Villanova. Notas sobre o papel da indústria na estruturação das áreas urbanas. *Ensaio da FEE*, Porto Alegre, n 15, 1994.

COSTI, Marilice e RIBEIRO Celi Maria Costi. *História de um núcleo fabril: Frigorífico Z.D. Costi Cia. Ltda*, Passo Fundo, RS. Arqutextos 043; texto especial 208, dezembro de 2003. Portal Vitruvius.

FERREIRA, Maria Leticia M. “*Quando o apito da fábrica de tecidos*”: memória publica e memória coletiva - Fábrica Rheingantz, Rio Grande, 1950-70. 2002. Tese. (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

HEREDIA, Vania Beatriz Merlotti. A Construção de Vilas Operárias no Sul do Brasil: O caso de Galópolis. *Scripta Nova - Revista Eletrônica de Geografia Y Ciencias Sociales*, Agosto de 2003.

\_\_\_\_\_. *A industrialização da zona colonial italiana: um estudo de caso da indústria têxtil do nordeste do Rio Grande do Sul*. UCS, Brasil. S/D.

JANKE, Neuza Regina. Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário? (O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970). 1999. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

LOPES, José Sérgio Leite. *A Tecelagem dos conflitos da classe na “cidade das chaminés”*. São Paulo/ Brasília: Marco Zero/Editora da UNB, 1988.

\_\_\_\_\_. *O vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande Do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: UFPEL/Livraria Mundial, 1993.

MORAES, Mauricio. Vila Maria Zélia – uma pequena cidade. Site Casa e Jardins.

PAULITSCH, Vivian da Silva. *Rheingantz: Uma Vila Operaria em Rio Grande – RS*. 2003. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2003.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. *Bangu: a fábrica e o bairro - um Estado Histórico (1889-1930)*.

STREET, Jorge. *Idéias sociais de Jorge Street*. Textos selecionados por Evaristo de Moraes Filho. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1980.

### Notas

<sup>1</sup> Professora de História da Prefeitura Municipal de Pelotas, professora de História do Estado do Rio Grande do Sul e pesquisadora sobre industrialização e vilas operárias no RS, sob a orientação do Dr. Fabio Vergara (UFPel). E-mail: neuza.janke@hotmail.com.

<sup>2</sup> Ver essa análise em: LOPES, José Sérgio Leite. *O vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Também em *A Tecelagem dos conflitos da classe na “cidade das chaminés”*. São Paulo/ Brasília: Marco Zero/Editora da UNB, 1988.

<sup>3</sup> Conferir a descrição elaborada por: MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro Do Rio Grande Do Sul; um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: UFPEL/Livraria Mundial, 1993. p.27-29.

<sup>4</sup> Entre os trabalhadores entrevistados, encontra-se o Sr. Vildeman Garcez, que nasceu, criou-se, casou-se e criou filhos morando na zona do Areal, próxima do Arroio Pelotas. Tanto o Sr. Vildeman, como os outros trabalhadores entrevistados, enfatizaram a presença de empregados que atravessavam a cidade de bonde, vindos de vários bairros, para trabalharem no Anglo.

<sup>5</sup> Nome de sua filha Maria Zélia, que foi dado à Vila Operaria.

<sup>6</sup> Sr. Cunningham. Entrevista concedida em três de junho de 1998.

<sup>7</sup> Segundo Vânia Beatriz Merlotti Heredia, a região era assim conhecida pelos morros que impediam o desenvolvimento da agricultura.

<sup>8</sup> Os motivos que levaram ao fechamento do frigorífico Anglo em Pelotas foram os mesmos que levaram ao fechamento da empresa de Z. D. Costi. Na década de 1980, a pecuária no Rio Grande do Sul começou a declinar, obrigando ao fechamento dos frigoríficos. O congelamento dos preços e a cassação das poupanças, política do Presidente Collor, também foi decisiva para levar muitas empresas à falência.

<sup>9</sup> Ver essa análise em: LOPES, José Sérgio Leite. *O vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Também em *A Tecelagem dos conflitos da classe na “cidade das chaminés”*. São Paulo/ Brasília: Marco Zero/Editora da UNB, 1988.